Duglas T. Monteiro

Duglas Teixeira Monteiro

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO E CARLOS ALBERTO RICARDO

"Toda a sociedade humana é, num certo sentido, uma comunidade diante da morte".[1] A frase é o começo de uma resposta que Duglas Teixeira Monteiro dá a uma entrevista de *Veja*, lembrando Peter Berger, quando perguntaram ao cientista social brasileiro como é possível compreender o fenômeno religioso do ponto de vista sociológico. Menos de três anos depois ele próprio foi colhido por uma das maneiras mais brutais de que a morte se armou para carregar os homens para fora de suas sociedades. Ele foi atropelado, na manhã do dia 25 de setembro de 1978, na avenida Luther King, perto do porto de Recife. Duglas havia viajado ao Nordeste a serviço do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Havia passado antes em Salvador e em Campina Grande, por onde andara fazendo observações e trabalhos de orientação de cursos de pós-graduação em ciências sociais.

A notícia de sua morte mobilizou todo o campo de cientistas sociais e professores do Brasil e, particularmente, o de São Paulo, em primeiro lugar porque foi absolutamente inesperada; em segundo lugar, porque a morte interrompeu a vida de um professor que, aos 52 anos de idade, estava — e dizia que estava — em um momento de plenitude de vida e trabalho, obtida da soma da maturidade de pessoa e de intelectual que havia conquistado, isso com a juventude nunca perdida do modo como aprendeu a fazer todas as coisas e a encarar o seu trabalho e o significado dele, não tanto pelo que tinha de propriamente científico, mas pelo que, sendo "ciência" no sentido entendido por Duglas, era apenas uma ponte entre o conhecimento e a vida dos homens de seu tempo.

---

1 Entrevista para a revista Veja, em 31 de dezembro de 1975, pág. 3.

Alguns dias depois de sua morte, a Universidade de São Paulo organizou uma sessão de homenagens à memória de Duglas Teixeira Monteiro. Estavam presentes ali, nas duas mesas redondas, e na assistência, inúmeros professores da própria USP e de outras universidades, membros do Centro de Estudos da Religião que ele fundara e dirigia, do Instituto Superior de Estudos da Religião, do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, os seus orientadores, alunos e outros muitos amigos de São Paulo e de fora. Para o pessoal da mesa não foi difícil ir destacando os inúmeros aspectos de sua vida de sociólogo. Afinal, todo o seu trabalho no magistério paulista, os seus artigos e seu livro estavam acesos na memória dos presentes, os da mesa e os da assistência. Mas o que nos impressionou a todos, sobretudo aos que não tinham tido a fortuna de acompanhar desde mais cedo a sua trajetória humana e profissional, foi a riqueza de outros planos de sua pessoa. Quem esperava ali uma espécie de resenha oral e coletiva sobre as atividades de um dos mais atuantes cientistas sociais brasileiros, acabou descobrindo com espanto: o poeta, o teatrólogo, o educador popular e, acima de tudo, o extraordinário companheiro de todos nós, que dentro e fora da USP e de São Paulo transformava em amigos rotineiros de sua casa e sua vida, os inúmeros colegas de trabalho, os alunos, os orientadores e, às vezes, até mesmo os que o procuravam para um conselho ou uma informação apressada.

Duglas Teixeira Monteiro nasceu na cidade de Rio Claro, em São Paulo, a 22 de agosto de 1926. Quase toda a sua vida profissional está ligada à Universidade de São Paulo. Ali ele se formou em ciências sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Ali ele fez também o mestrado, apresentando uma dissertação sobre as condições de desenvolvimento das zonas pioneiras no Norte do Paraná. Ali, finalmente, ele fez o seu doutorado e defendeu tese sobre o surto milenarista do Contestado, quando já era professor "da casa" e um dos seus mais entusiasmados pesquisadores. Sua tese, *Os Errantes do Novo Século*, foi publicada em 1974. Ela lhe valeu no ano seguinte o prêmio Governo do Estado de São Paulo, e depressa tornou-se um dos nossos clássicos em análise sociológica da religião.

A vocação para o magistério apareceu desde muito cedo. Ao falecer em 1978 ele havia completado 26 anos de professor, que o cientista nunca conseguiu submeter; mas Duglas os soube associar em um trabalho cotidiano com os alunos (muitos deles seus auxiliares de pesquisa) dos cursos universitários de graduação e pós-graduação. No ano de 1952 ele ingressou no ensino público paulista,

lecionando primeiro na Escola Caetano de Campos e, depois, em sucessivos colégios do interior de São Paulo, em Lins, Itapeva, São Caetano do Sul e Piracicaba. Os anos de magistério secundarista renderam frutos na universidade. Ele conservou ali, vida afora, um cuidado "de professor" pelos seus cursos e, individualmente, para com cada um dos seus alunos, considerado hoje em dia tão indispensável quanto raro na universidade brasileira.

Algum tempo mais tarde interrompeu o trabalho no magistério secundarista e foi colocado, pelo governo paulista, à disposição do governo do Estado do Espírito Santo. Foi para Vitória em companhia de outros professores paulistas e, ali iniciou-se como professor universitário lecionando a cadeira de Antropologia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Antes de ingressar na USP, lecionou também em Sorocaba. Em 1959 foi chamado por Fernando de Azevedo para a Universidade de São Paulo como auxiliar de ensino e, depois, como assistente da cadeira de Sociologia da Educação. Entre 1962 e 1967 foi o professor responsável por esta cadeira, na então "secção de educação" da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

O interesse pelos problemas da educação brasileira é o que justamente marca toda a primeira etapa de sua vida profissional. Antes mesmo de entrar na USP, Duglas Teixeira Monteiro participou do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, do Serviço Estadual de Mão-de-Obra (Secretaria do Trabalho) e de cursos de educação popular promovidos então pelo SESI.

Os estudos do mestrado fizeram a fronteira entre o interesse por pesquisas de educação e desenvolvimento, e as pesquisas sobre relações entre religião e sociedade que, desde *Os Errantes do Novo Século,* constituiram um dos interesses de sua segunda etapa de vida profissional. A partir de então, Duglas começou a desenvolver uma atividade muito intensa dedicada à Sociologia da Religião: como professor de cursos na USP; como um incansável conferencista e participante em encontros, simpósios e seminários; como pesquisador e como criador de centros de estudo e de uma revista especializada.

Logo após o seu doutoramento, Duglas Teixeira Monteiro formou na USP uma primeira turma de pós-graduandos interessados no problema da religião. Além de inúmeros alunos que participavam dos seus cursos, ele deixou cerca de 10 orientandos, vários deles em fase adiantada de pesquisa e, em conjunto, os formadores de uma primeira turma de universitários dedicados ao estudo das relações entre a religião e a sociedade. Foi o criador do Centro de Estudos da Religião (CER) e o dirigiu até à sua morte. Participou

ativamente das atividades e dos principais momentos de decisão do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER). Como pesquisador da USP e dos dois centros especializados de estudos, realizava desde 1976 uma série de investigações sobre fenômenos religiosos de massa nas grandes cidades. Alguns de seus estudos, dois ou três deles absolutamente pioneiros, têm sido publicados em revistas do Brasil e do exterior. Uma destas tem nele um dos seus fundadores: *Religião e Sociedade* que, hoje, em seu 4.º número, deve muito ao seu trabalho e sobretudo às suas idéias.

O problema da religião exercia sobre Duglas um fascínio absoluto. Na história da sociologia brasileira ele deve ser contado como um dos seus mais fecundos e pioneiros estudiosos. Mas deverá aparecer, mais ainda, como uma das pessoas que mais trabalhou para que fossem criadas as bases coletivas de formação de espaços de pesquisa, discussão e circulação de estudos de Sociologia da Religião.

Como pesquisador ele passou, desde pouco depois de concluída a tese de doutoramento, da investigação de movimentos milenaristas do mundo agrário na história brasileira, para o estudo de surtos religiosos atuais de clientela ou de sectarização das grandes cidades: as agências de cura divina, os santuários metropolitanos de devoção de massa e todas as outras experiências sociais de sacralização das relações e dos símbolos das trocas entre os homens. Durante os anos de 1976 e 1977 esteve parcialmente interessado no estudo dos símbolos, quase sacralizantes, produzidos em larga escala pela indústria do futebol e pelas suas torcidas fanatizadas. Tal como Thales de Mileto, o nosso Duglas Teixeira Monteiro devia pensar que "o mundo está cheio de Deuses", e ele queria saber por quais razões, e de que muitos modos, os homens os produziam e inventavam mil maneiras de conviver entre eles. Por isso mesmo, o estudo do prbolema da religião em Duglas fugia de ter, de um lado, ranços de ciência passadista e, de outro, a fúria cientificista demolidora que algumas vezes faz, sobre ela, afirmações "de última instância", esquecida ou descuidada de investigar e, sobretudo, compreender processos e significações sociais "mais a fundo", inesperados e inovadores, e que envolvem os verdadeiros mistérios e o lugar de origem das contradições de trocas entre os homens e os seus deuses. Se à sociologia deve caber a tarefa de "desmistificar" a religião, da mesma forma como alguma coisa algum dia virá "desmistificar" a sociologia, isso deveria ser feito, segundo Duglas, apenas depois que a religião fosse compreendida em todos os seus níveis de relações e de todos os modos em que isso pudesse ser praticado. A tarefa equivalia não só ao desvendamento dos mistérios em que a religião se oculta, como

a dos segredos — muitas vezes ainda mais misteriosos — dos modos como a sociedade faz a religião para depois fazer-se a si mesma, sagrada. Tudo remete o cientista a não fazer com que o rigor do seu trabalho mate o seu lado de mistério e maravilha.

Como sociólogo, Duglas desenvolveu um produtivo trabalho de "organização da classe" que não deverá ser nunca esquecido. Em 1973 ele foi eleito presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo e, pouco mais tarde, presidente da Associação Nacional de Cientistas Sociais, de que foi um dos fundadores. Durante vários anos foi também um dos mais ativos participantes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em nome de quem organizou reuniões e, dentro delas, dirigiu mesas e simpósios.

Em um outro trabalho sobre as pesquisas atuais de Duglas Teixeira Monteiro coloquei como epígrafe um parágrafo com que gostaria de concluir esta memória. Ele encerrava um de seus últimos artigos publicados. Mas ele não conclui apenas o artigo. Escrito pouco antes de sua morte, vale como um lembrete de humildade e desafio a todos os seus companheiros e continuadores.

> Desta maneira encerra-se este trabalho que deverá abrir caminho para futuros aprofundamentos nas direções apontadas e para o exame de dados de outras fontes que venham confirmar, enriquecer ou alterar as conclusões a que se chegou aqui. [2]

---

[2] *Cura por Correspondência*, in Religião e Sociedade n.º 1, maio 1977, págs. 61 a 80.

BIBLIOGRAFIA

1 — *Água da Memória* (teatro), Livraria Editora Letras e Artes, R. de Janeiro, 1965.

2 — *Os Errantes do Novo Século. Um estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado,* Livraria Duas Cidades, S. Paulo, 1974.

3 — "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", em *História Geral da Civilização Brasileira,* tomo III, *O Brasil Republicano,* 2.° vol., Sociedade e Instituições (1889-1930) — Difel, Rio de Janeiro — São Paulo.

Artigos e Resenhas

1 — "Fases iniciais do desenvolvimento da personalidade", *Correio Paulistano,* 18/10/1951.

2 — "A Macumba de Vitória", *Anais* do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, 1954.

3 — "Notas sobre o vocabulário da macumba", *Folclore,* maio-agosto, Vitória, ES, 1954.

4 — "Estrutura Social e Vida Econômica em uma Área de Monocultura e de Pequena Propriedade", *Revista Brasileira de Estudos Políticos,* n.° 12, 1963.

5 — "Desenvolvimento e Organização de Comunidade e o Problema da Qualificação da Mão-de-obra", *Desenvolvimento e Organização da Comunidade — DOC* (publ. mimeograf. do Comitê Brasileiro da Conferência Internacional do Serviço Social — CBCISS, São Paulo, 1965).

6 — "Necessidades Educacionais de Áreas em Expansão Demográfica da Sociedade Brasileira: O Norte do Paraná", *Estudos e Documentos,* vol. 6, 1.° 68, CRPE, 1968.

7 — "Os Limites da Escola", *Folha de São Paulo,* 25/6/72.

8 — "Desenvolvimento e Educação", *Folha de São Paulo,* 9/7/72.

9 — "Canudos e Contestado", *História do Século XX, Enciplopédia Semanal,* Abril S/A Cultural e Industrial, n.° 9, 1974.

10 — "Sertão e Civilização: compassos e descompassos", *Anais* do Colóquio de Estudos Regionais, comemorativo do I Centenário de Romário Martins, Universidade Federal do Paraná, Boletim n.° 21 do Departamento de História, Curitiba, 1974.

11 — "O Conselheiro contra Euclides", resenha de *Antônio Conselheiro e Canudos,* de Ataliba Nogueira, *Opinião,* 18/10/1974.

12 — "A Religião como Resposta", resenha de *As Religiões dos Oprimidos,* de Vittorio Lanternari, *Opinião,* 6/12/74.

13 — "Sobre os Dois Caminhos", *Cadernos do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER),* n.º 5, nov. 1975.

14 — "Examinando os examinadores (MAPOFEI — Estudos Sociais", *Folha de São Paulo,* 12/1/75.

15 — "O sertão não virou mar. Mas já não é mais o mesmo", *Isto é,* 16/3/77, n.º 12.

16 — "Églises, Sectes et Agences: Aspects d'un oecumenisme populaire" Diogène, n.º 100, Paris, octobre-decembre/1977.

17 — "A Cura por Correspondência. Religião e Sociedade n.º 1, Hucitec, S.P., maio de 1977.

18 — "Roger Bastide. Religião e Ideologia". Religião e Sociedade n.º 3, ed. Civilização Brasileira, outubro de 1978.
Publicado também como prefácio de The African Religions of Brazil, de Roger Bastide. Johns Hopkins University, 1978.